

FACEBOOK ENSINANDO O QUE É CORRETO NA NOSSA LÍNGUA

Bianca dos Santos Silva Veloso

Univesidade do Estado do Rio de
Janeiro -UERJ

E

Resumo

Este trabalho tem a pretensão de expor as experiências de uma iniciativa inédita, cujo objeto teórico está baseado em uma subárea da Linguística, a Sociolinguística. O que diferencia esse projeto dos demais é a forma como ele se apresenta: a divulgação dos estudos sociolinguísticos com uma linguagem fácil por meio do *Facebook*, com o intuito de divulgar as Variantes Linguísticas e as regras que determinam as formas diversas de falares no Português Brasileiro. Não se visou, até o presente momento, atingir um público alvo, ou seja, qualquer uma pessoa tem acesso às informações, que até então, estavam limitadas a livros, artigos, teses e dissertações.

Palavras-chave: Sociolinguística. Preconceito Linguístico. Variação Linguística. Divulgação. Facebook.

Introdução

“Sem conhecer a linguagem, não há como conhecer o homem.”

(Confúcio)

Observa-se que a internet, hoje, é o maior recurso de busca de informações. Mas será que todas as informações estão acessíveis a qualquer pessoa? As pessoas sabem procurar os conhecimentos que desejam? Como alcançá-las com informações relevantes? A leitura desse trabalho, possivelmente, responderá essas questões, porque procuramos com ele atingir o público em geral na internet, levando a eles um conhecimento sobre a língua diferenciado, dificilmente abordado pela escola.

De maneira inédita, as descobertas da Sociolinguística estão sendo divulgadas para as pessoas, já que, até então, essas

informações estavam limitadas aos estudantes da área. Entendemos que estamos propondo o que os linguistas dizem que deve ser feito – divulgar para tornar a verdade conhecida por todos. As pessoas devem e agora podem saber mais sobre a língua que falam.

Não pretendemos, com essa iniciativa afastar as pessoas das gramáticas, pelo contrário, demos a devida importância à norma padrão da língua nos momentos em que suas regras são essenciais, assim como na confecção desse artigo. O que tentamos fazer é conscientizar as pessoas de que a dicotomia do “certo e errado” na Língua Portuguesa é uma visão antiquada desde os anos 60, quando os estudos da Sociolinguística Variacionista foram iniciados por Labov, e se passou a intitular “adequadas” e “não adequadas” as escolhas linguísticas.

Portanto, objetiva-se discorrer sobre as experiências de um trabalho de educação e interação de aprendizagem na internet, na qual qualquer pessoa tem acesso a informações sobre a sua língua. Explicaremos os primeiros passos até a conclusão do ambiente virtual de ensino em uma rede social popular, que hoje tem número recorde de acessos e participações dos internautas. Acreditamos que o maior interessado na nossa língua somos nós mesmos, independentemente do grau de instrução, porque nós sabemos que a língua é uma capacidade exclusivamente humana, seja letrada ou não. Só conseguimos alcançar o outro por meio da língua, sendo ela, um fator de aproximação e afastamento.

Ciência da linguagem e divulgação

Muito se tem discutido a questão da Linguística como uma ciência, assim como as ciências físicas e biológicas. Também se questiona muito se a Linguística tem algum compromisso com a informação e a educação. Esse trabalho não poderia iniciar com questões melhores do que essas para fundamentar suas intenções com a divulgação de estudos sociolinguísticos.

Primeiramente, se recorrermos aos manuais especializados, encontraremos a seguinte conceituação para Linguística: “disciplina que estuda cientificamente a linguagem” (CUNHA; COSTA; MARTELOTTA, 2011, p.15). Linguagem aqui não é utilizada no seu sentido amplo, envolvendo qualquer processo de comunicação, mas linguagem no sentido de habilidade exclusiva aos seres humanos para se comunicarem uns com os

outros, diferenciando-os das demais espécies. Entretanto, só esta definição não confirma a Linguística como uma ciência a ser estudada e aplicada metodologicamente. A questão não se resolve facilmente assim. Contudo, podemos afirmar que a Linguística tem os requisitos básicos que a caracterizam como ciência: o primeiro é seu objeto de estudo próprio – a capacidade da linguagem, observada e analisada por meio de discursos falados e escritos; o segundo é que ela costuma ser assertiva e não especulativa, já que se fundamenta em dados reais observados rigidamente. Vejamos o que Fiorin tem a nos dizer sobre isso:

Mas, se nós pensarmos em duas características como sendo as características da ciência, que são o fato de que a ciência tem o compromisso de explicar a realidade humana e tem um compromisso com a verdade... Isso significa que quando eu estabeleço hipóteses para explicar determinados fatos da realidade humana, esses fatos precisam ser testados na realidade linguística. (FIORIN, 2010, p.74)

Fiorin destaca dois aspectos importantes para este trabalho: o compromisso de explicar a realidade humana e o compromisso com a verdade. Basicamente, é abordado aqui justamente isso, ou seja, nós divulgamos verdades sobre a Língua Portuguesa pouco exploradas para o público, de acordo com a visão sociolinguística, porque nós entendemos que a Linguística como ciência tem suas correntes, cujas pesquisas já foram realizadas, os fenômenos rigorosamente observados e analisados, as teorias comprovadas e os métodos aplicados pelos profissionais. E como fica o compromisso de educar? Esse compromisso está em divulgar essas informações para as pessoas. Nós sabemos que esses estudos acadêmicos não chegam até a população e é aí que nós entramos.

Ainda em Fiorin encontramos a importância dada à divulgação dos estudos realizados dentro das Universidades e que devem ser repassados adiante; segundo ele, o compromisso da linguística em relação à educação está na ordem da divulgação, e é ela que torna o homem consciente e capaz de ascender socialmente:

Divulgar o avanço da ciência é tão importante como fazer avançar a ciência, porque, na verdade, a ampliação da linguagem humana, a consciência da linguagem humana, a compreensão dos seus mecanismos dão ao homem a possibilidade de ascender à construção

cultural que ele fez ao longo da sua história; é por meio da linguagem que eu tenho acesso a tudo aquilo que torna o homem especificamente humano. (FIORIN, 2011, p.75)

Portanto, podemos dizer que a Linguística é uma ciência que estuda línguas particulares com a intenção de analisar suas informações naturais. Como ciência que é, precisa além de ser estudada e pesquisada, de uma divulgação que permita às pessoas o conhecimento da língua que falam.

A Sociolinguística como uma escolha

As questões anteriores causam discussões e divergências entre estudiosos da área, mas o que nenhum linguista debate é que a gramática tradicional não dá conta dos usos da Língua Portuguesa - nem de outras línguas, mas foca-se aqui o estudo do Português. Todos nós sabemos que língua falada e língua escrita são diferentes. Mas e as pessoas que não estão estudando a língua sabem disso? Essa foi a pergunta motivacional desse projeto.

Vale ressaltar que a gramática foi criada pelos filósofos gregos. Buscou-se sistematizar de forma racional as estruturas linguísticas, e, com isso, passou-se a estabelecer uma maneira correta de falar a língua. Mas, compreendemos que a gramática normativa não dá conta dos diversos usos da nossa língua, já que a cultura também influencia as possibilidades de enunciações entre os falantes. Na atualidade, as padronizações das línguas vão além das necessidades de prescrever como uma língua deve ser usada, cedendo às pressões políticas e socioculturais. Um exemplo disso é o último Acordo Ortográfico¹.

¹ Segundo Faraco, o Acordo Ortográfico é a alteração da forma de grafar algumas palavras. Em tese, as mudanças ortográficas, o que não significa mudança da língua, previstas no acordo assinado pelos países lusófonos em 1990.

A gramática normativa, de certa forma, é estranha à Linguística, porque esta se propõe a analisar e descrever a língua de acordo com sua estrutura e funcionalidade constituídas em um sistema, enquanto aquela busca prescrever regras. Essa postura adotada pelos linguistas é devido ao fato de que eles se despem de qualquer preconceito em torno das variadas manifestações de fala, ou seja, os cientistas da linguagem estudam os fenômenos encontrados na nossa língua independentemente da gramática normativa ditar uma ou outra ocorrência como “certo x errado”, tentando dar a essas formas as devidas explicações. Deve-se mencionar, novamente, que, não se menospreza a importância da gramática normativa, ainda menos o seu uso no ensino básico, apenas deixamos claras as diferentes abordagens

científicas. Sabemos que é crucial o uso do código da norma padrão para a literatura e documentos oficiais, sendo assim, todos os falantes de língua portuguesa devem dominá-lo. O que estamos afirmando é que a linguística como ciência vai muito além da língua prescrita nas gramáticas, assim sendo, analisa, inclusive, os usos da língua na fala nos seus diversos empregos. Daí o diferencial dessa ciência para o estudo do Português.

Especificamente, a Sociolinguística é a subárea da Linguística que abarca os usos reais da fala. Segundo Mollica, “A Sociolinguística estuda a língua em uso no seio das comunidades de fala, voltando a atenção para um tipo de investigação que correlaciona aspectos linguísticos e sociais.” (MOLLICA, 2012, p. 9) Essa corrente dá conta das variantes internas e externas à língua que causam os diferentes falares do nosso Português, porque, compreende-se que uma língua não é homogênea, concretizada como uma espécie de retrato do povo que a fala de acordo com suas distintas realidades socioculturais, ou seja, da mesma forma que não podemos dizer que existe uma homogeneidade nas escalas sociais, não podemos afirmar o mesmo para a língua, pois língua e sociedade são indissociáveis.

Estigmatizações no Português Brasileiro²

² Os linguistas preferem usar esse termo para fazer referência à Língua Portuguesa falada no Brasil.

Sabemos que ninguém fala a mesma língua que escreve, sistematizando, a língua falada no seu uso real distingue-se da língua escrita, porque, a escrita se aproxima muito mais da norma padrão idealizada, do que a fala, por se tratar de escolhas que o falante deve fazer no momento da enunciação (muito das vezes não monitorada). Também compreendemos que a língua reflete a cultura e identidade de uma população, por isso diferentes culturas, identidades e regiões se expressarão, conforme suas escolhas naturais no momento do discurso. Não é diferente com o nosso Português Brasileiro. Se é tão simples perceber isso, por que ainda há estigmatizações na fala menos prestigiada?

Como foi citado acima, a gramática normativa foi convencionalizada com regras que regulam o uso da língua que deveria ser usada pelas pessoas, e assim sendo, ela é ensinada nas escolas do ensino básico de todo o país. Não podemos dizer que seu ensino é o problema, e sim a maneira como isso é tratado na escola. O aluno chega à escola com a língua oriunda do meio onde vive, até aí, processo natural de aquisição da linguagem. A escola por sua vez, vem desmistificar tudo o que o aluno entende

como língua, ou seja, nas aulas de Português, na maioria dos casos, tenta-se fazer uma “nova aquisição da linguagem” com o aluno, mostrando a ele como se deve usar a sua língua. Talvez esteja aí o motivo da aversão de muitos alunos em relação ao aprendizado do código padrão da língua, porque é difícil para ele compreender que tudo o que ele conhece como língua está “errado”. Consequentemente, o aluno sai da escola dominando o código de maior prestígio e ao mesmo tempo inclinado a pensar na língua da sua comunidade como inferior à aprendida na escola. De certa forma, o modo como o professor aborda o assunto dá início ao Preconceito Linguístico³, amplamente conhecido por nós estudiosos da língua.

3 Preconceito Linguístico é qualquer crença sem fundamento acerca das línguas e de seus usuários. (Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, verbete preconceito).

A Sociolinguística Variacionista apenas é estudada recentemente, Labov na década de 60 desenvolveu os estudos nessa área, considerando os fatores extralinguísticos como influenciadores nas escolhas que o falante faz no ato da enunciação. “Para a Sociolinguística, a língua é uma instituição social e, portanto, não pode ser estudada como uma estrutura autônoma, independentemente, do contexto situacional, da cultura e da história das pessoas que a utilizam como meio de comunicação.” (CEZARIO; VOTRE, 2011, p. 141) Daí, podemos perceber que não é uma questão de falar “bem ou mal” ou “certo ou errado”, e sim de se adequar às realidades de uma comunidade de fala. O sociolinguista Bagno nos esclarece sobre isso:

O brasileiro sabe português, sim. O que acontece é que nosso português é *diferente* do português falado em Portugal. Quando dizemos que no Brasil se fala *português*, usamos esse nome simplesmente por comodidade e por uma razão histórica, justamente a de termos sido colônia de Portugal. Do ponto de vista linguístico, porém, a língua falada no Brasil já tem uma *gramática* – isto é, tem regras de funcionamento – que cada vez mais se diferencia da gramática da língua falada em Portugal. Por isso os linguistas (os cientistas da linguagem) preferem usar o termo *português brasileiro*, por ser mais preciso e marcar bem a diferença. (BAGNO, 2011, p. 40)

Comumente, encontramos o seguinte argumento dos gramáticos “a língua falada influencia na escrita das pessoas”. Sim, é possível, mas de qualquer forma o usuário da língua precisa aprender a gramática normativa; nisso linguistas e gramáticos concordam. O que não é aceito pelos sociolinguistas é a intolerância aos usos de menor prestígio e a estigmatização

dessas estruturas, como “pra mim fazer”, que erroneamente é vinculado à “fala de índios”.

Não há nenhum estudo que comprove essa afirmação, porque os brasileiros falam assim, independentemente de serem indígenas. As pessoas empregam a mesma regra em outras estruturas, mas não percebem. Não se dão conta, pois não analisam e observam a língua em seu modo funcional, como os sociolinguistas fazem, prendendo-se a prescrição de uma determinada regra. Seja um intelectual letrado seja um falante leigo da língua, é comum encontrarmos julgamentos em cima do “pra mim fazer”, mas não há ninguém que debata e apresente os estudos sociolinguísticos, por isso se cria um rótulo de estigma de uma forma sobre outras. Por isso, o senso comum afirma que uns “erros doem os ouvidos” mais do que outros, porque, na verdade, ninguém sabe regra e aplicação dela, mas sim, exemplos mais estigmatizados que outros. Tanto é que, encontramos a explicação de que o “pra mim fazer” está errado, porque “mim não conjuga verbo”, mas nós sabemos que o verbo não está conjugado, neste caso ele está no infinitivo. O problema cresce, a partir do momento em que quem argumenta isso demonstra não conhecer a conjugação verbal como deveria.

Preconceito linguístico na internet

A internet, hoje, é um dos focos de maior proliferação de preconceito linguístico. É muito recorrente acharmos sites, blogs e páginas de redes sociais que procuram ensinar a Língua Portuguesa de forma prescritiva, explorando a noção de “certo e errado”, de modo que, estruturas da língua frequentes na fala e na escrita sejam confundidas e abordadas como um estudo só, como se uma abordagem fosse igual para os dois aspectos, ou seja, essas divulgações são tão confusas que se apresentam como se gramática normativa e sociolinguística fossem um mesmo estudo, o que nós sabemos que não é. Curiosamente, é mais fácil encontrarmos ambientes desse tipo feitos por pessoas que não são da área das Letras, como jornalistas, que se arriscam a falar sobre como o brasileiro fala mal a sua língua. Observamos isso na imagem a seguir:



Figura 1: Ensino de Português encontrado na internet

"Pecados da língua" é o título dado a uma imagem que pretende ensinar ao internauta as regras do Português. Notam-se inúmeras expressões preconceituosas em torno das construções orais da língua, como "erros que comprometem a vida social" e "seje não existe".



Figuras 2 e 3: Preconceito linguístico explícito encontrado na internet

As duas afirmações estão equivocadas de acordo com a Sociolinguística; primeiro, a fala das pessoas, geralmente, acompanha a realidade da comunidade em que elas habitam como já foi dito antes, segundo, "seje" é inadequado na escrita, mas é uma construção muito comum na oralidade. Ou seja, essa publicação sofre de séria falta de teorias na sua confecção.

Nas imagens acima, não encontramos, como ocorre na figura 1, a intenção de ensinar "as regras do bom uso da língua", pelo

contrário, as imagens não possuem caráter pedagógico, de certa forma, fazem algo ainda mais grave – fazem proliferar junto ao preconceito linguístico, o preconceito racial e social. Muitas pessoas divulgam esse tipo de informação na internet, constringendo quem se enquadra nesse tipo de comunicação oral, desrespeitando os índios e as pessoas de renda inferior, e também, inquietando os cientistas da linguagem, cujo trabalho de analisar os enunciados menos privilegiados é sério, sendo rotulados, pelos leigos, como preconceituosos, quando na verdade não compartilham desse show de ignorância. Daí o afastamento entre professores de Língua Portuguesa e os demais falantes.

A partir desses achados, resolvemos trabalhar em torno do preconceito linguístico largamente divulgado na rede. Com a finalidade de erradicar essas manifestações e conscientizar as pessoas que de esse preconceito é tão absurdo quando os outros, e que a língua é viva e passível de transformações, de acordo com a necessidade de cada grupo de falantes.

Opinião dos internautas

Como já foi dito anteriormente, esse trabalho de divulgação da corrente sociolinguística na internet é inédito, por isso não tínhamos como saber o que o público achava do preconceito linguístico, amplamente explorado nos ambientes virtuais. Nós precisávamos entender o que as pessoas pensavam em relação à sua própria língua, para sabermos como fazer um espaço em que o público acessasse e se interessasse pelas informações colocadas ali. Necessitávamos também, entender até onde ia o preconceito em torno do Português falado e se os internautas tinham alguma noção sobre Preconceito Linguístico, enquanto tema da Sociolinguística.

Então, resolvemos criar uma pesquisa de opinião, em que os internautas respondiam, rapidamente, a sete perguntas relacionadas às imagens expostas anteriormente (figura 2 e 3). A pesquisa foi um sucesso! Conseguimos a participação de 335 pessoas, que se voluntarizaram a darem suas opiniões para um projeto, ainda, experimental. Vale destacar que a pesquisa só ficou sendo divulgada no período de um mês na rede social *Facebook*⁴. Este foi o local escolhido para a divulgação da pesquisa, e depois como ambiente virtual de aprendizagem desse trabalho, porque tem um grande número de páginas que ensinam a prescrição da Língua Portuguesa, baseando as regras

4 Facebook é um site e serviço de rede social, lançado em 4 de fevereiro de 2004, operado e de propriedade privada da Facebook Inc. Foi fundado por Mark Zuckerberg e por seus colegas de quarto da Universidade de Harvard, Eduardo Saverin, Dustin Moskovitz e Chris Hughes. Em 4 de outubro de 2012, o Facebook atingiu a marca de 1 bilhão de usuários ativos.

na dicotomia do “certo x errado”, e também, por ser o local de onde retiramos inúmeras imagens, inclusive, as citadas aqui, preconceituosas. Vejamos a tabela a seguir:

PERGUNTAS	RESPOSTAS
Qual a sua escolaridade?	Ensino Fundamental: 2% Ensino Médio: 33% Ensino Superior: 61% Outros: 4%
Qual o seu sexo?	Feminino: 61% Masculino: 39%
Você já viu fotos ou imagens de preconceito (religioso, racial, social, sexual, etc.) no <i>Facebook</i> ?	Sim: 94% Não: 6%
Esse tipo de postagem te incomodou?	Sim: 81% Não: 19%
Caso sua resposta tenha sido sim, o quanto isso te incomodou?	Muito: 38% Razoável: 34% Pouco: 9%
Observe as figuras a seguir (figuras 1 e 2). O que você acha dessas imagens?	Engraçado: 25% Sem graça: 40% Indiferente: 35%
Caso alguém informasse a você que essas imagens demonstram um preconceito igual ao religioso, racial e sexual, o que você pensaria?	Não, nada a ver: 20% Talvez, nunca havia pensado nisso: 30% Sim, claro que é: 50%

Tabela 1

Em resumo, a pesquisa nos permitiu um primeiro contato com o que os internautas pensam a respeito das imagens preconceituosas encontradas na rede social. Conseguimos, além disso, perceber que as pessoas se incomodam com esse tipo de “humor”, talvez por falarem e/ou conhecerem quem fala o português intitulado como errado. Foi assim que surgiu a ideia de colocarmos o conhecimento da Sociolinguística Variacionista numa página de *Facebook*, com uma intenção contrária às páginas existentes lá.

Falei errado? O pobrema não é meu, é seu.⁵

⁵Disponível em:
<www.facebook.com/>

Após a análise dos dados da pesquisa e do que encontramos de divulgações inferiorizando a fala do Português Brasileiro, decidimos tornar real a construção de uma página no Facebook com a finalidade de divulgar para fora do mundo acadêmico os estudos variacionistas, que comprovam que ninguém fala errado quando o assunto é a oralidade da língua materna. A tarefa não seria fácil, estávamos cientes disso, até porque, essa rede social nunca fora um ambiente para pessoas com interesse em obtenção de conhecimento, e muito menos de pessoas tenham contato com estudos linguísticos.

Os primeiros passos

Primeiramente, nós observamos as principais páginas (no sentido de quantidade de usuários) e descobrimos que, o sucesso delas está em fazer publicações com informações rápidas e engraçadas. Como não podíamos usar personagens de conhecimento do público, para não termos problemas com direitos de imagens e não criarmos mais estigmas, resolvemos criar uma personagem própria, adolescente e que fizesse o uso da norma não padrão.

Assim surgiu a Sophia. A escolha do nome não foi impensada. Quisemos remeter tudo o que a envolve ao conhecimento, por isso ela tem um nome cuja personificação significa sabedoria em Grego. A ideia central, no início da criação da página, era que a nossa personagem passasse por situações em que ela falasse de maneira coloquial e fosse corrigida por outra pessoa. As situações seriam escolhidas de acordo com os fenômenos que pudessem ser explicados com as teorias sociolinguísticas. Mas, com o passar do tempo, percebemos que podíamos ousar mais e, também, usar as postagens que estavam na moda na rede social (polêmicas, músicas, piadas em geral, que fazem muito sucesso durante curto prazo e batem recorde de acesso e compartilhamento). A página foi, e continua sendo, conhecida pelos internautas por meio de divulgação por todos os canais na internet, inclusive, o próprio *Facebook*.

Além disso, nós criamos um layout próprio e com imagens exclusivas, uma página com administradores capazes de responder a questões e debates, uma descrição que explique ao leitor mais interessado de onde e como a página surgiu e quais as intenções dela enquanto estiver ativa. Preocupamos, também, em fazer descrições em cada postagem com uma

explicação mais geral e com uma linguagem de fácil acesso, já que gostaríamos de atingir qualquer público, mas sempre deixamos claro que passaríamos as devidas referências se assim fosse a vontade do público.

Conhecendo a página

Olá gente, eu sou Sophia! Meu nome significa “conhecimento” em Grego. E esse é um dos motivos que estou aqui. Quero que você me conheça e conheça o que eu conheço... Que muitas coisas que são ditas por ai sobre “falar errado” podem estar erradas. (FALEI ERRADO? O POBREMA NÃO É MEU, É SEU., 2013)

A página foi pensada cuidadosamente para transmitir ao público as descobertas e estudos da Sociolinguística, que explicam os fenômenos da oralidade tão criticados por pessoas conhecedoras e leigas no assunto. O epílogo desse subcapítulo é a “fala” (representada de forma escrita) da Sophia, na nossa primeira postagem, para se apresentar ao público e deixar clara as nossas intenções com o espaço virtual. Vejamos como é a página:



Figura 4: Layout da página

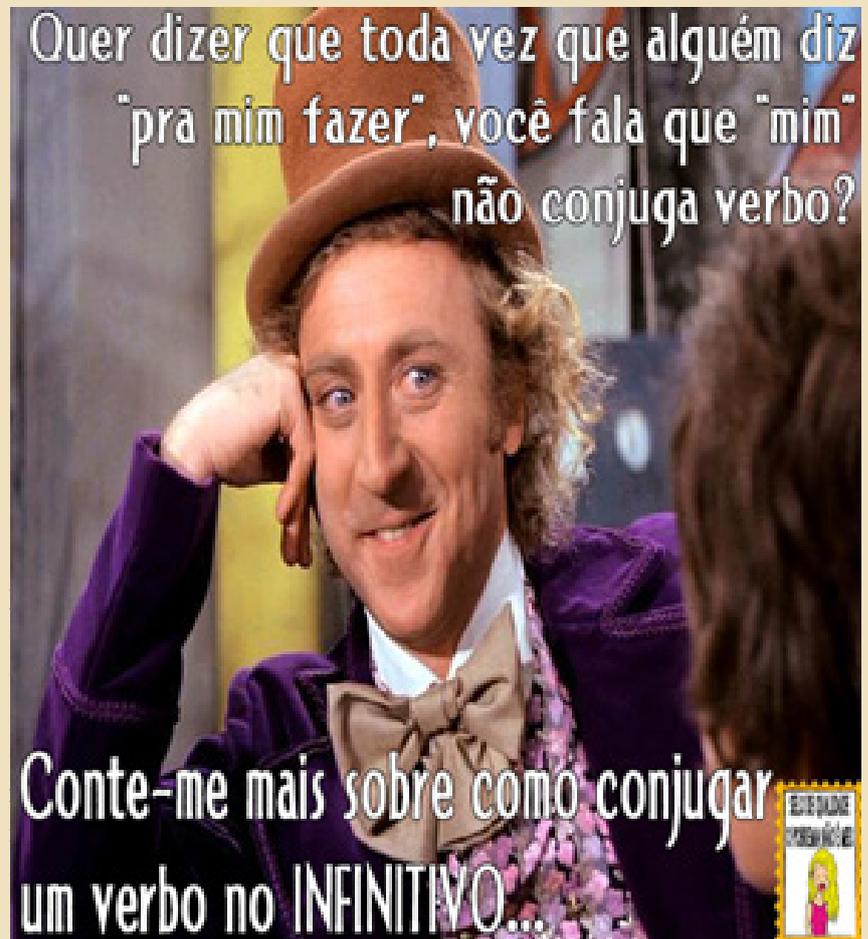


Figura 5: exemplo de publicação



Figura 6: exemplo de publicação



Figura 7: exemplo de publicação



Figura 8: exemplo de publicação

Como pudemos perceber com os exemplos dados, utilizamos um pouco de humor misturado a conhecimento para mostrar as verdades da nossa língua e tentar diminuir o menosprezo às falas estigmatizadas do Português Brasileiro. Vale citar que, a página não estimula a utilização do Português falado em situações que exijam o uso do código padrão da língua. Prioriza-se a divulgação da diferença entre língua e fala e a importância de estudar as regras dos usos da língua padrão ensinadas nas gramáticas normativas. Vemos isso no exemplo abaixo:

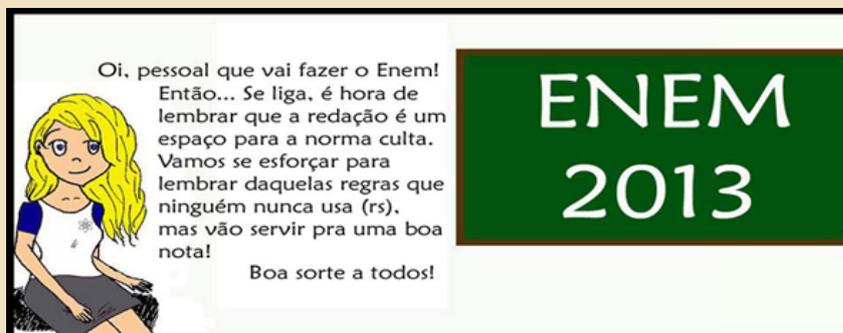


Figura 9: Exemplo de publicação da página

“Viu?? A fala da Sophia contém algumas construções que não são aceitas pela norma culta (“Se liga”, “Vamos se esforçar”). Mas, tudo bem, ela está no face! Ela sabe

que existem espaços específicos para cada norma. E hora do Enem é hora da norma culta!” (FALEI ERRADO? O POBREMA NÃO É MEU, É SEU., 2013)

A descrição da postagem sobre o Enem 2013 é citada nesse trabalho com o propósito de esclarecer que, neste ambiente virtual de aprendizagem, não se estimula o uso da fala em lugar do código escrito, quando este é necessário. Enfoca-se a questão da adequação e inadequação, e neste caso, de uma prova de vestibular, em que não se devem usar as variantes usadas pela personagem para dar seu recado. Observa-se que a descrição e texto da postagem, além de estarem em um ambiente informal (a internet), estão reproduzindo, respectivamente, como a personagem fala e a explicação de alguém que usa o código adequado para internet, por isso textos com expressões e linguagens não padrão.

Resultados obtidos

Com a pretensão de erradicar o Preconceito Linguístico na internet, a página “Falei errado? O Pobrema não é meu, é seu”, para uma criação inédita, conta com a participação ativa de um público que podemos intitular como “misto”, porque envolve estudiosos da área, estudantes do ensino básico e o público leigo. Temos o público perfeito para esse tipo de trabalho. Até o presente momento (junho de 2014), contamos com o número de 1.782 usuários e um total de 107.976 visualizações. Antes de a nossa página ser criada ninguém nunca tinha visto uma postagem que defendesse as variações do Português oral, agora, todas essas pessoas foram conscientizadas de que não é uma questão de certo e errado, e sim, de adequado e inadequado, e essas informações são repassadas aos seus amigos. Vejamos os gráficos que mostram a evolução da página quantitativamente:



Gráfico 1



Gráfico 2

Vale citar também que, além desses resultados quantitativos muito positivos, tivemos a comprovação de que esse trabalho está no caminho certo da divulgação científica. Em novembro de 2013, essa iniciativa foi premiada pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, no IV Prêmio de Extensão Maria Therezinha do Prado Valladares. Por isso, a página continua ativa, mas já está com novas propostas de trabalho, como a transmissão de conhecimento por meio de vídeos.

Considerações finais

Ao escolhermos o título para esse trabalho, sabíamos que em uma primeira leitura, haveria a expectativa de que esse projeto fosse sobre uma página que ensinasse gramática de maneira informal por via do *Facebook*, mas ao findar a análise dessa obra, cujo objetivo é mostrar as experiências de uma iniciativa inédita numa rede social, o leitor percebe que fazemos muito mais do que sua imaginação era capaz de criar.

Portanto, esse é um trabalho de divulgação, que, de acordo com Fiorin, deve caminhar junto a qualquer pesquisa científica na área da Linguística, porque essas descobertas precisam ser estudadas e têm o compromisso de educar, no sentido mais geral da palavra. Educação que divulga, levando conhecimento às pessoas que estão cada vez mais carentes de informações pertinentes. Por isso, podemos afirmar que, além desse texto mostrar um trabalho de tentativa de erradicação do preconceito linguístico na internet, ele mostra a concretização do que os linguistas dizem que deve ser feito com todo estudo ocorrido dentro das Universidades.

A página “Falei errado? O pobrema não é meu, é seu” está na internet tentando desmistificar a noção de certo e errado

na nossa língua e mostrando ao público a diferença entre língua falada e língua escrita. Pela primeira vez os estudos Sociolinguísticos estão ao alcance de todos!

ABSTRACT:

This document intends to expose the experiences of an original initiative whose theoretical object is based on a subarea of Linguistics, Sociolinguistics. What differentiates this project from the others is the way it presents itself: the diffusion of the Sociolinguistic studies making use of an easy language, through Facebook, in order to divulge the Linguistic Variances and the rules which determine the several ways of speaking in Brazilian Portuguese. There was not an intention, not up to this moment, to achieve a target public. In other words, any person has access to the information which, up to now, were limited to books, articles, theses and dissertations.

Keywords: Sociolinguistics. Linguistic Prejudice. Linguistic Variance. Divulagation; Facebook.

REFERÊNCIAS

- BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico**. O que é, como faz. 54ª Ed. São Paulo: Loyola, 2011.
- _____. **Nada na Língua é por acaso** – Por uma variação linguística. 1ª Ed. São Paulo: Parábola, 2007.
- _____. **Não é errado falar assim!** - Em defesa do Português Brasileiro. 1ª Ed. São Paulo: Parábola, 2009.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós chegemu na escola, e agora?** Sociolinguística e educação. 1ª Ed - 2ª reimpressão. São Paulo: Parábola, 2011.
- CONFÚCIO, **Os Analectos**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- HOUAISS, Antonio, VILLAR, Mauro de Salles, FRACO, Francisco Manoel de Mello. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- MARTELOTTA, Mário Eduardo [Org.]. **Manual de Linguística**. 2ª Ed - 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2011.
- MENEZES, Vera Lúcia [Org.]. **Interação e aprendizagem em ambiente virtual**. 2ª Ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza [Orgs.]. **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. 4ª Ed. São Paulo: Contexto, 2012.

XAVIER, Antonio Carlos; CORTEZ, Suzana [Orgs.]. **Conversas com Linguistas – Virtudes e controvérsias da linguística**. 1ª Ed - 3ª reimpressão. São Paulo: Parábola, 2010.

FARACO, Carlos Alberto. **Novo Acordo Ortográfico**. Coluna do autor. Curitiba: Radio CBN, Parábola. Disponível em <www.cbncuritiba.com.br> Acesso em: 21/06/2014

Outras Fontes

Falei errado? O pobre não é meu, é seu. Disponível em <[https://www.facebook.com /FaleiErradoOPobremaNaoEMeuESeu](https://www.facebook.com/FaleiErradoOPobremaNaoEMeuESeu)> Acesso em 20/06/2014

Wikipédia, a enciclopédia livre. Disponível em <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Facebook>> Acesso em 20/06/2013.